



# Editorial

Editorial / Editorial

## Altruismo, Solidariedade e Violência – 2

Altruism, Solidarity and Violence – 2

O leitor ainda deve estar recordado do último Editorial, onde fiz um percurso sobre o trinómio violência-altruismo-solidariedade à luz do modelo evolucionista. Terminei esse editorial com uma questão: como explicar, depois de tudo o que foi dito, a onda de intolerância, violência e egoísmo que parecem caracterizar a sociedade moderna? Neste Editorial irei tentar responder a essa questão, situado no mesmo quadro de referências, chamando para tal um outro comportamento que emerge como uma especificidade do género *homo*: a **vingança**.

Goozen e col. (1994) definem a vingança como acto cujo objectivo é causar danos em alguém ou em algum grupo, como resposta ao sentimento de se ter sido prejudicado por essa pessoa ou grupo, não sendo esse acto destinado a reparar o dano, a impedir a sua nova ocorrência ou a sua continuação no confronto imediato, nem tão pouco para produzir ganho material.

Mesmo sem produzir ganhos materiais, para nos mantermos na lógica darwiniana, teremos de perguntar afinal que ganhos se obtêm com a vingança? Por definição, a vingança está relacionada com actos que não pretendem repor o mal sofrido e que a maior parte das vezes é desencadeada por males que não podem ser repostos. Então qual é a sua utilidade já que ela pode ser mesmo perigosa para o próprio? O propósito imediato da vingança, como a sua definição prediz, é fazer sofrer o objecto de vingança. Então, qual a utilidade da violência pela violência? Porquê tal imoderação, porquê o poder do seu impulso, o grau de violência que incita, e o risco, tempo e energia que as pessoas investem na sua execução?

Muito embora, a vingança se apresente como um acto gratuito, em termos evolutivos, pois não apresenta qualquer ganho ou utilidade evidentes e o seu grau de violência é muitas vezes superior ao dano sentido, estendendo-se, muitas vezes, a sua duração muito para além do estímulo desencadeador, alguns autores tendem a encontrar um sentido social para a vingança, o qual pode ser concebido como sendo o de um equilibrador do poder (p.ex. Marongui e Newman, 1987; Goozen e col., 1994). Neste sentido, a vingança funcionaria como um regulador do poder social numa sociedade sem justiça central. Parece, pois, que o sentimento de vingança terá um valor significativo na estabilização social, muito embora também possa ter emergido como uma estratégia racional. Ou seja, assim como a evolução desenvolveu procedimentos conciliatórios ao mesmo tempo que criava comportamentos ofensivos, os humanos teriam desenvolvido estratégias tais como o pagamento em sangue.

Se assim for, resta-nos saber qual é o contraponto desta estratégia. Ou seja, onde reside o verdadeiro poder estabilizador? Goozen e col. (1994) propuseram que esse poder resultasse do medo da sua ocorrência, em vez da sua execução actual. Neste sentido, o





sentimento de vingança constituiria um promotor do medo, uma força de dissuasão que seria actuada sempre e quando fosse necessário relembrar a sua força. Esta força dissuasora actuaria através de um conjunto de emoções que tenderiam a evitar a ocorrência da vingança. Seriam uma espécie de primeiros esforços para evitar as consequências da vingança que, por sua vez, actuaria como último recurso. Essas emoções são, especialmente, a *vergonha* e a *culpa*. A antecipação da vergonha desencadearia um comportamento consonante com as normas, de tal modo que a vingança não chegasse a manifestar-se; a antecipação da culpa faz com que se seja cuidadoso nas interações sociais e se tenda à solidariedade, evitando assim a emergência da culpa.

Com este quadro de apresentação da vingança, sou tentado a sugerir que este comportamento poderá constitui a *face moderna* da agressividade. Quero com isto significar que este comportamento integra em si as raízes de uma agressividade primitiva moldado pelas construções éticas de uma sociabilidade complexa. Ou, dito de outro modo, a intenção da violência a evitar a própria violência, mas também contendo a sua própria possibilidade.

Tendo feito este percurso (recordo o leitor que no Editorial anterior equacionei as questões ligadas ao altruísmo), parecem-me criadas as condições para poder sugerir que a um *altruísmo cultivado* se contrapõe uma *vingança aglutinadora* das forças motrizes da agressividade, tonalizadas por sentimentos sociais (como a culpa e a vergonha) que funcionam como elementos de auto-regulação.

Dito de outro modo: a evolução transmutou-se mas é assegurada por uma nova lógica: a complementaridade dos opostos.

O desenvolvimento do cérebro humano ao longo do processo de hominização veio introduzir mudanças radicais no processo evolutivo. Saliento, de entre as transformações anatómicas que o cérebro humano sofreu desde a emergência dos primeiros homnídeos até ao *homo sapiens sapiens*, o desenvolvimento acelerado do lobo frontal. Este dado anatómico constitui o principal suporte, segundo MacLean (1990) para a emergência do sentimento de solidariedade, que constitui um travão ao principal mecanismo da selecção natural já referido: a agressividade. Ou seja, o aparecimento do homem na terra, com as correlativas modificações do aparelho cerebral, acaba por modificar radicalmente a estrutura evolutiva da selecção dentro da sua própria espécie – da selecção dos mais fortes em detrimento dos mais fracos, passa-se à protecção destes e à criação das possibilidades para a sua procriação.

Este facto levou alguns autores a considerarem que a selecção natural parou com o aparecimento do homem. Contudo, se analisarmos o modo como as novas forças em jogo se interligam, verificamos que o motor selectivo, em vez de ter parado, mudou de lugar e de modo de funcionamento. Tendo-se transformado em dono da natureza e não tendo outro predador a não ser ele próprio, o homem encontrou-se sem outro controle regulador dos seus comportamentos a não ser a possibilidade de gerar mecanismos de regulação no seio da sua própria organização. Assim, a este impulso de tipo protector – a solidariedade – veio então contrapor-se um outro de tipo destrutivo – a vingança – num jogo cuja lógica se norteia pela coexistência na complementaridade. O equilíbrio daí resultante pode ser medido em termos de poder, de auto-estima e de subtracção à dor e ao sofrimento.

Uma acção voluntária de prejuízo do outro manifesta uma desigualdade de poder, que é, de facto, regulada pelas consequências da vingança; o atingimento do prestígio social e da auto-estima constitui uma das principais fontes do impulso de vingança que tende



a restaurar parte da ferida infligida; a dor sentida constitui o principal factor que desencadeia o sentimento de vingança sendo neutralizada não através de igual dor infligida no outro, mas antes através da anulação das causas que a originaram. Assim, se a agressividade, em termos meramente selectivos, se enfraqueceu pela solidariedade, com a criação da vingança, emergiu um mecanismo complexo de regulação que faz deslocar o motor evolutivo do domínio natural para o domínio cultural. Esta deslocação é correlativa de um outro processo – a complexificação crescente das sociedades humanas – e constitui a consequência lógica desta complexificação. Quero com isto dizer que já não existem mais as condições para a evolução se operar através de mecanismos evolutivos primários e simples, quando as forças em jogo se organizam em totalidades hipercomplexas que, por sua vez, exigem , mecanismos evolutivos coerentes com esta nova realidade.

Desta organização hipercomplexa emerge a *significação*, que funciona como interface entre o todo social humano e uma consciência de si produtora de um sentido. Ora, é justamente neste eixo que agora se joga a evolução: a pressão normativa de origem cultural, geradora de uma ética intra-grupal e a pressão eto-ética de origem individual, geradora de normas de conducta ao serviço de um projecto de existência auto-construído. O mito darwiniano dissolve-se neste jogo em que o homem, liberto das determinações naturais, se recria à medida que interpreta as construções culturais.

Mas este jogo é um jogo perigoso, já que a distância entre os padrões normativos culturais e a sua interpretação pelo indivíduo socializado tem vindo drasticamente a aumentar. À medida que se vão diluindo as funções do sistema de parentesco (biologicamente ancoradas no instinto altruísta) vão-se desenvolvendo formas de organização e de Estado cada vez mais solidamente burocratizadas.

O homem perdeu o controle da cultura que ele próprio criou e, em momentos críticos, perverteu a lógica da complexidade da *unitas multiplex*: a relação indivíduo-sociedade foi sendo degenerada, aparentemente para auto-aproveitamento, tendo como consequência uma desvalorização da questão da sobrevivência do indivíduo e da comunidade no mundo natural e uma hipervalorização das possibilidades da comunidade desproblematizar as necessidades elementares do homem, ao garantir a sua satisfação de uma forma mais ou menos bem sucedida. Deste modo, os problemas da relação do homem com a sociedade actual revelam – talvez de uma maneira deformada – o problema geral da sobrevivência do homem na era moderna.

A estrutura social estabelece vastos campos de actividade humana, de forma compulsiva e convincente, mas não chega para estabelecer a razão de ser da existência individual. A “pulverização de valores” da estrutura social e/ou o “fanatismo valorativo” que caracterizam as sociedades de hoje são duas faces de uma mesma realidade que possibilitam a livre interpretação “particular” da realidade que é abrangida de forma apenas insuficiente através do sentido do pluralismo cultural.

O indivíduo e a sociedade reproduzem as forças destruidoras atrás aludidas, tendendo à destruição da sua unidade complexa, mas interagem numa “relação causal”, renovadamente vivida e sentida de forma subjectiva. Só assim se explica que hoje o mesmo estado de coisas seja simultaneamente considerado como um aspecto da autonomia pessoal ou como conformismo, como um fenómeno de liberdade ou de coacção.

Temos, então, que o jogo evolutivo, actualmente, já não se opera através do processo de selecção natural, mediado pela agressividade, mas antes através de um processo de individualização-culturação, mediado pelo binómio solidariedade-vingança. Na medida em



que as exigências do outro se voltam para ele, o homem “espelha-se” no comportamento do próximo. Eis o rosto moderno da solidariedade. Na medida em que a super-estrutura social se organiza em pluralidades culturais, diversidade necessária à sobrevivência do homem, a defesa intransigente da dissolução e da ofensa dessa idealização sub-cultural constitui um forte impulso trans-individual. Eis a face moderna da vingança.

Hoje, já não se joga apenas a realização de um plano biológico específico da espécie, mas antes o desafio do equilíbrio possível entre a sua natureza biológica e a “segunda natureza” que lhe é imposta por uma cultura numa sociedade existente antes dele. Se está em jogo a sua liberdade, ela não consiste na desvinculação de pressões instintivas nem de pressões sociais, mas antes na integração das duas determinações numa construção do sentido da existência, na confluência da indeterminação dos acasos da vida.

Deste modo, a evolução continua, não através da selecção mediada pela agressividade, mas através da organização mediada pelo compromisso entre os impulsos destrutivos e os impulsos protectores, operando através da circularidade de significação entre os diferentes níveis do meio especificamente humano – a sociedade humana.

Meu caro leitor, ao longo deste percurso reflexivo, procurei demonstrar que o homem é um ser dividido: por um lado impulsionado a destruir e por outro impulsionado a proteger. Apesar disso, terá de ser biologicamente coerente, caso contrário, teria sido eliminado por selecção natural.

No ambiente natural todos os animais da mesma espécie têm histórias individuais muito comparáveis. As comunidades animais são portanto coerentes e homogéneas, embora se instalam entre elas hierarquias. De facto todos os indivíduos permanecem submetidos a instintos idênticos e cada grupo reside num território definido. Não há matança intra-específica sistemática organizada como observou Lamark em oposição a Darwin. É na ordem humana que a luta é tanto inter quanto intra-específica. A espécie humana, no plano biológico fragmentou-se em numerosos grupos antagónicos. Tal divisão resultou da emergência da linguagem, da consciência reflexiva, do pensamento e da sedentarização. O processo de individuação, é muito mais complexo na nossa espécie do que em qualquer outra. Os indivíduos diferem mais pela sua história pessoal e psiquismo do que pelo seu genoma; em razão desta diversidade não expressamos as mesmas experiências, particularmente as afectivas, com as mesmas palavras.

Culturalmente divididos, mas dotados de mais imaginação do que sabedoria, os homens criaram mitos, religiões, leis, uma visão do mundo variável de uma sociedade para a outra e não pararam de tentar impô-la aos outros, se necessário pela força. Enfim, tornando-se sedentários, os nossos antepassados há 20.000 anos criaram o hábito de acumular riquezas e cobiçar as do vizinho.

Todas as condições foram assim reunidas para que no seio da espécie se instale um estado de luta permanente entre indivíduos e entre nações, sob pretextos económicos, políticos, religiosos mais ou menos misturados. Os pobres revoltaram-se contra os ricos, os escravos contra os proprietários, etc. No mundo moderno o terrorismo deslocou-se. Não é exactamente o do mestre sobre o escravo, do oligarca sobre o camponês ou trabalhador. É dos países dominantes sobre os países dominados, não forçosamente pela força militar mas pela força psicológica, domínio cultural, fanatismo religioso, modelo de consumo ou modelo sexual. É tudo isto que hoje forma uma nova realidade desconhecida, com a sua parte excitatória e com a sua parte repressiva, o seu arcaísmo renovado pela modernidade sem que se possa realmente saber se se trata de um reajuste superestrutural, e portanto lábil, ou se trata de uma modificação intrapsíquica realmente fundamental.



Do mesmo modo não sabemos muito bem como se organiza e se desenvolve o combate psíquico permanente entre o antigo e o novo, o arcaico e a modernidade, qual é o aliado de qual, nomeadamente em relação à lei e à norma, à ordem e à moral.

Conseguimos a unidade das contradições: a linguagem e a imaginação, o pensamento racional e o desejo, a palavra e a dualidade do psiquismo. Desse jogo só poderia ser gerada, simultaneamente, a razão e a desrazão.

Torna-se, por tudo isto, necessário proceder a nova leitura de Darwin já que ele fala da possibilidade e mesmo da probabilidade de variações de instintos hereditários nas espécies animais não aprisionadas. Ora, o homem está longe desse não aprisionamento, constituindo antes uma espécie em via de total domesticação, que encontra hoje essas variações como indispensáveis para a sua sobrevivência.

Esta re-leitura só pode ser feita à luz uma nova grelha: a grelha que permita desocultar a complexidade inerente às novas condições de funcionamento das sociedades humanas hipercomplexas. Estas constituem autênticas teias normativas que determinam o comportamento humano com tanta forçosidade como a composição genética determina a vida a escalas menos complexas. Ou seja, o meio especificamente humano – a sociedade humana – determina, ele próprio, as condições reguladoras do processo de evolução da nossa espécie. A par da solidariedade, resquício do altruísmo biologicamente determinado, desenvolve-se a vingança, criação estratégica resultante do compromisso entre uma consciência de si e um sentimento de pertença a uma totalidade socialmente organizada. Esta nova leitura de Darwin, agora à luz das teorias da complexidade, fala-nos de níveis de organização evolutiva (etológico e eco-cultural), da criação de um significado ou de um sentido para cada um desses níveis (teleológico para o nível etológico e intencional para o nível eco-cultural) e da circularidade desse mesmo significado entre os níveis. Fala-nos também das condições da própria evolução: à tendência a manter um sentido puramente individual para a vingança (impeditiva de descodificação ao nível macro-social) torna-se necessário criar as condições que facilitem a descodificação da vingança como um mecanismo regulador do poder, em situações críticas extremas; à tendência a manter o sentido da solidariedade e do altruísmo num nível puramente colectivo (como um mecanismo de manutenção da necessária diversidade de sistemas culturais) torna-se necessário facilitar a compreensão do significado da solidariedade como a vocação mais profunda do homem na sua auto-constituição intersubjectiva.

Eis a minha contribuição, caro leitor, para uma reflexão actual sobre o futuro da sociedade humana em tempos de grandes mutações e adaptações. Espero ter contribuído para o estimular, a si, para reflectir e, quem sabe, reagir a estas ideias, escrevendo para a Saúde Mental.

João Marques-Teixeira



## REFERÊNCIAS

Goozen, S., van de Poll, N. e Sergeant, J. (Eds.) (1994): *Emotions. Essays on Emotion Theory*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Ass., Pub.

Marongui, P. e Newman, G. (1987): *Vengeance*. Toronga, NJ: Rowman e Littlefield.

MacLean, P. (1990): *The Triune Brain in Evolution. Role in Paleocerebral Functions*. Nova Iorque: Plenum.

